



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KARINY GUEDES ALVES MENEZES GONÇALVES

**“UMA BELEZA QUE VEM DA TRISTEZA DE SE SABER MULHER”: O
FEMININO EM FREUD E LACAN.**

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2019.

KARINY GUEDES ALVES MENEZES GONÇALVES

**“UMA BELEZA QUE VEM DA TRISTEZA DE SE SABER MULHER”: O
FEMININO EM FREUD E LACAN.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Curso de Psicologia, do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio,
como requisito obrigatório para obtenção
do título de Graduação em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da
Costa.

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2019.

“UMA BELEZA QUE VEM DA TRISTEZA DE SE SABER MULHER”: O FEMININO EM FREUD E LACAN.

Kariny Guedes Alves Menezes Gonçalves¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

O presente artigo objetiva-se de um estudo sobre a mulher e o feminino na teoria psicanalítica. A psicanálise surgiu com a manifestação singular do feminino, foi a partir das históricas que Freud buscou uma resposta sobre o tornar-se mulher, passando assim a ganhar um lugar central tanto na teoria como na prática psicanalítica. O artigo trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, que foi realizada em livros, dissertações, teses e artigos científicos através da plataforma eletrônica do Google Acadêmico, BVS-PSI e Scielo, com o intuito de fazer um levantamento do material utilizado na discussão. Desse modo, procurou-se investigar, através do percurso teórico, algumas das contribuições e dos impasses da teoria psicanalítica em relação ao tema. Assim sendo, recorreremos à elaboração freudiana e lacaniana a fim de entendermos a construção do ser feminino diante da psicanálise, pretendendo perpassar alguns conceitos que contornam e constituem o enigma da feminilidade. Nesse sentido, percebe-se que o enigma em cada mulher não se revela, pois nesta há sempre algo a ser dito de maneira singular.

Palavras-chave: Mulher. Psicanálise. Feminino. Sexualidade Feminina.

ABSTRACT

The present article aims at a study on women and the feminine in psychoanalytic theory. Psychoanalysis arose with the singular manifestation of the feminine, it was from the hysterical that Freud sought a response about becoming a woman, thus gaining a central place in both theory and psychoanalytic practice. The article is, therefore, a qualitative research of bibliographic character, that was carried out in books, dissertations, theses and scientific articles through the electronic platform of Google academic, BVS-PSI and Scielo, with the intention to make a survey of the material used in the discussion of this article. In this way, we tried to investigate, through the theoretical course, some of the contributions and impasses of psychoanalytic theory in relation to the theme. Thus, we resort to the Freudian and Lacanian elaboration in order to understand the construction of the feminine being in the face of psychoanalysis, intending to perpass some concepts that circumvent and constitute the enigma of femininity. In this sense, one realizes that the enigma in each woman is not revealed, for in this there is always something to be said in a singular way.

Keywords: Woman. Psychoanalysis. Female. Female Sexuality.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: karinyguedes@hotmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: raulmax@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei. Não acredito que vocês saibam”.

Virginia Woolf

Esse artigo partiu do seguinte questionamento: “o que é a mulher para psicanálise?”. A psicanálise, desde sua origem, não cessa de se deparar com o enigma do feminino. Foi, portanto, Freud que criou pela primeira vez um discurso a partir do saber que as histéricas produziam, corroborando assim com o deslocamento das mulheres que até então estavam nos bastidores do campo social e político, para adentrá-las no centro do setting analítico. Nesse sentido, a psicanálise nasceu diante de uma singular manifestação do feminino, assim, a histeria denunciava a castração do mestre encarnando à impropriedade do corpo do discurso médico, ao mesmo tempo em que abria um caminho ao inconsciente.

Desde Freud, muitas respostas foram dadas, negadas e questionadas diante da pergunta “o que quer uma mulher?”, assim, muito se produziu sobre o tema, que conduziu e conduz na tentativa de responder ao enigma do feminino. O que foi percebido pela psicanálise diante da natureza do enigma feminino foi realmente decodificado?

A primeira parte do artigo propõe explicar o feminino na cultura, de que forma a mulher foi designada ao longo da história ocidental, perpassando desde o terror das distintas formas de difamação, até sua adoração pelo viés da beleza, da maternidade ou pelo efeito que a nomeação lhe confere. Desse modo, a história foi um solo fértil para que uma variedade de representações do feminino emergisse, além disso, a maldição do sexo, que incidiu sobre as mulheres na história da civilização, como efeito de uma forma de dominação, controle e de exploração, não deixando de manifestar o modo de denegar o real que o feminino encarna.

A segunda parte vai apontar o feminino para Freud, sendo, portanto, um enigma que o acompanhou ao longo da trajetória analítica, a partir do qual a própria psicanálise como práxis e corpo teórico foi concebida. Freud defende que o psiquismo humano é sexual, assim toda sexualidade humana é permeada pelo psíquico, e a realidade da função sexual não corresponde necessariamente com a anatomia, além de que a castração desempenha papel

fundamental no percurso da feminilidade. Portanto, para a feminilidade, o que importa é o "tornar-se mulher".

A terceira parte propõe clarificar o feminino em Lacan, que se dedicou para falar da mulher com o recurso da lógica, reconhecendo que o dizer sobre a mulher repousa sobre um impossível: "A mulher não existe". O que não quer dizer que não exista a condição feminina nem as mulheres em sua diversidade incontornável, bem como o lugar do feminino, afetado por um impossível que não cessa de não se escrever na linguagem.

Desse modo, o objetivo do artigo é compreender o feminino a partir das teorias de Freud e Lacan, identificando o desenvolvimento do percurso teórico freudiano e lacaniano sobre o feminino, analisando seus desdobramentos, bem como os pontos de convergência e divergência.

A relevância do tema se dá na medida em que nos coloca frente a questões atuais com o feminino, além de abordar conceitos teóricos primordiais na psicanálise, que nos remetem à prática clínica. Já a relevância social pretende direcionar um olhar para figura da mulher, que durante um longo período foi um elemento secundário e marginalizado na sociedade, esse período obscuro na cultura de desconhecimento sobre o feminino, o qual perdurou por séculos, mantendo a mulher sem espaço de fala e opinião devido ao sistema patriarcal. Embora esse cenário esteja mudando e de que o papel da mulher na sociedade vem se tornando cada vez maior e melhor, ainda existem muitos desafios a serem enfrentados.

2 MÉTODO

O presente artigo ocupa-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico tendo como objetivo compreender o feminino a partir das teorias de Freud e de Lacan no que tange à sexualidade feminina. Dessa forma, foram selecionados materiais produzidos com o intuito de enriquecer a discussão e ampliar a base do conhecimento sobre o tema pretendido.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em livros, dissertações, teses e artigos científicos através da plataforma eletrônica do Google Acadêmico, BVS-PSI e Scielo utilizando os seguintes descritores: psicanálise, feminino e sexualidade feminina, com o objetivo de fazer o levantamento do material utilizado na discussão do presente artigo. O referencial teórico utilizado foi a psicanálise Freud-lacaniana, e o levantamento realizado limitou-se aos artigos publicados no período de 2008 a 2019.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA HISTÓRIA

“É melhor a maldade de um homem do que a bondade de uma mulher”

(Eclesiastes 42,14).

Ao longo da história, as representações femininas na civilização ocidental apontam não somente os fatos históricos que rodeiam as relações sociais e de poder em uma dada cultura, como também o que há de estrutural na abordagem do feminino, assim, dos vários discursos que em certa época conferiram um caráter científico e natural aos papéis da mulher. Desse modo, é importante a compreensão do contexto histórico das representações do feminino que foram construídas ao longo da história, perpassando assim a antiguidade, a idade média, a modernidade e até a contemporaneidade (TEDECHI, 2009).

O conceito de mulher percorre através da história de forma variável, instável, interminável. Da antiguidade até o final do século XVIII, tem-se o modelo do sexo único, no qual o homem é o modelo, e a mulher, portanto, um "projeto mal-acabado", pois seus órgãos genitais são tidos como os mesmos do homem, porém virados para dentro. No discurso de origem filosófica grega, o olhar masculino da teoria filosófica pensava a mulher como um objeto, assim, deveriam viver sob o controle do masculino. Representações estas que, por meio do discurso masculino sobre o corpo feminino, construíram mitos que justificavam a inferioridade e a fragilidade feminina. Esses mesmos filósofos foram os que ergueram as bases do saber que marcou o pensamento na cultura ocidental, e que ao longo da história tratou do tema procurando mostrar sua inferioridade em relação ao homem, originando tal diferença como natural, universal e invariável (TEDECHI, 2009).

Aristóteles foi quem propôs de modo mais radical a superioridade do homem em relação à mulher. Devido à diferença anatômica superior, e a feminina considerada inacabada, um homem incompleto que estaria entre o humano e o animal, submissa por natureza, para além da questão anatômica, essas, pois, não seriam capazes de raciocinar, sendo-lhes essencial a presença de um amo que as dirijam. Já para Galeno, os corpos feminino e masculino eram a expressão de uma ordem natural e hierárquica que estruturava o cosmos e o mundo dos seres vivos, sendo que o homem estaria no topo da cadeia devido sua natureza

quente e seca e a mulher hierarquicamente inferior devido sua natureza úmida e fria (PERROT, 2007).

O mito da Caixa de Pandora explica a criação da mulher, suas qualidades e suas fraquezas, tal como todos os males existentes no mundo, portanto, considera-se que Hesíodo tenha sido quem inicialmente retratou a mulher como má, causadora das desgraças, mas também fascinante e sedutora. Pandora, a primeira mulher da qual teriam descendido todas as demais mulheres, seria o inumano que se instaurou para causar danos e desgraça aos homens, pois até então os mesmos conheciam a felicidade do convívio com os Deuses. Dessa forma, Pandora simboliza a maldição, a entrada do feminino na cultura (GRAVES, 2003).

Já na Idade Média, o discurso da moral católica exerceu influência bastante relevante na definição do lugar ocupado pela mulher na sociedade, na igreja e na cultura ocidental, portanto, esse discurso foi importante para fortalecer as desigualdades de gênero. Os modelos do feminino defendidos pela Igreja Católica formulam, então, dois "paradigmas do feminino" que procuram delimitar a percepção social das mulheres para a criação de seus modelos de representação. Assim, esses paradigmas são simbolizados por duas mulheres centrais na tradição cristã, "Eva, a pecadora" e "Maria, a imaculada, a virgem". Assim, essas características antagônicas são utilizadas pelo cristianismo para representar o universo feminino (LIMA, 2010).

A Igreja restringiu os laços da mulher com o maldito, ela passaria, então, a ser o maior representante dos pecados carnis que o cristianismo penalizava. Foi Santo Agostinho que transformou as histéricas, que até então eram tratadas como algo patológico e permaneciam sob cuidados médicos, passando então a ser consideradas como possuídas pelo diabo, cujo tratamento passava a ser a perseguição pois a causa se originava do sobrenatural. Assim, a representação da bruxa dotada de erotismo produziu os efeitos mais nefastos para as mulheres: essa mulher constitui o mal, ameaçador ao homem. Mas essa mesma mulher foi também recoberta com o ar da beleza e nela projetados os ideais que a afastariam de qualquer pecado e maldição, destacando-se as representações da mulher angelical, desprovida de sexualidade (FUENTES, 2009).

Então, a figura de Maria "a mãe de Cristo" ocupa uma posição no ideal cristão, da maternidade e que para isso não tenha antes sido mulher, assim, somente como esposa ou "imaculadas" as mulheres salvariam-se do mal intrínseco à sua natureza, caso contrário, a conduta transgressora, erotizada, que manifestasse em seu corpo a "presença do diabo", outorgava-lhes a condição de bruxa que seriam perseguidas e condenadas (FUENTES, 2009).

Já no final do século XVIII e o início do século XIX, começa a surgir um novo modelo baseado na diferença sexual em decorrência das exigências engendradas pela Revolução Francesa, baseada na igualdade dos direitos dos cidadãos. Assim, a humanidade precisaria de um tempo considerável para começar a investir no estudo das diferenças físicas entre os sexos a partir das descobertas anatômicas no Renascimento (BIRMAN, 2001).

Durante os séculos XVIII e XIX, houve uma grande produção científica a respeito da diferença sexual, buscando demonstrar a especificidade do corpo feminino, tido então como o corpo diferente. Os anatomistas estabeleciam comparações de tamanho, forma, volume e peso entre homens e mulheres, porque o sexo não estava restrito aos órgãos sexuais, mas penetrava cada osso, nervo, músculo, veia e órgão dos corpos. As primeiras ilustrações anatômicas do esqueleto feminino surgiram em 1730 – os esqueletos femininos eram desenhados evidenciando o conceito de feminilidade como a fragilidade física, a beleza e a delicadeza que possui crânios pequenos, ossos mais finos e pélvis bastante largas, para evidenciar sua função ‘natural’, a maternidade (MARTINS, 2004).

Já no século XIX, diante de uma sociedade patriarcal, a mulher enquanto mãe teria que renunciar ao erotismo, enquanto os homens eram livres para satisfazer suas demandas eróticas. Diante das mulheres ditas desviantes para moral da época, delineadas como “mulheres perigosas”, pois fugiam à norma do feminino, recusavam a maternidade e assumiam o erotismo, eram, portanto, nomeadas de quatro formas distintas: a prostituta, a infanticida, a ninfomaníaca e a histérica. Tais representam, portanto, a mulher moderna, a qual se desvia da feminilidade, sendo assim, excluída e moralmente diminuída em seu valor social. Com isso, houve uma abertura para a medicalização e a psiquiatrização das novas figuras do feminino, partindo de uma lógica moralmente fundada. Essa nova identidade feminina fugia do pressuposto da maternidade apontado pelo ideário da biopolítica e do familiarismo (BIRMAN, 2001).

A histeria foi um marco para o estudo das questões referentes à feminilidade. Para Foucault (1990), ela seria uma produção do biopoder, ou seja, formas de controle político sobre a vida através da regulação das populações na qual o governo atua direta ou indiretamente incitando ou freando a reprodução e ditando uma moralidade que lhe convém. As histéricas foram efeito da maneira sistemática em que o erotismo e a maternidade eram formas discordantes de vivenciar a feminilidade, assim como a prostituta, a infanticida e a ninfomaníaca eram produções específicas e positivas do biopoder frente ao imperativo da maternidade.

Ao longo do século XX, a condição da mulher na sociedade mudou bastante: a conquista dos direitos avançou significativamente e o feminismo, portanto, passou a configurar um movimento político organizado. Contudo, vários entraves surgiram durante o percurso, como a dificuldade de estabelecer o que é ser mulher e criar uma categoria consistente para o feminino que tomou como causa. Assim, o movimento durante seu avanço estabeleceu pelo menos três posições distintas: o que lutou pela igualdade da mulher em relação ao homem; o que lutou pela preservação da mulher como distinta do homem; e o movimento pós-moderno, que procura desconstruir a identidade sexual baseada no dualismo masculino-feminino da qual se pretende eliminar (GREGORI, 2017).

Assim, várias outras representações derivam desses signos básicos, como as funções de mãe e de esposa, ou, para aquelas insubordinadas, as de prostituta, feiticeira, mística... sempre dirigidos por um dualismo existencial: ora boa, ora má; ora santa, ora demoníaca, erotizada; ora remetida ao primitivo, ora ao civilizado. Ou, ainda, considerando a questão da diferença sexual, ora marcada por uma igualdade primordial, ora considerada de maneira desigual (seja por um "a menos" ou por um "a mais"). Nesse sentido, "o que quer uma mulher?" (MANNONI, 1999).

Contudo, só há um gênero, o humano – foi a partir desse ponto que Simone de Beauvoir forneceu ingredientes que deram suporte à origem do feminismo que propõe a igualdade entre homens e mulheres. “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Assim, a mulher sem essência busca libertar-se da opressão corporal e do patriarcado, que mobilizaria a insatisfação feminina frente a seu insignificante lugar na sociedade (ALVARENGA, 2015).

Para Judith Butler e a teoria Queer, o esforço pós-moderno é de desconstruir não só a hierarquia de gênero e do falocentrismo, mas também o binarismo homem-mulher e a heterossexualidade como condição “obrigatória”. Assim, multiplicam-se os movimentos que vão na direção, não mais da militância da mulher, mas das minorias sexuais excluídas. Desse modo, propõe-se uma revolução sexual que não necessite do dualismo sexual, propondo eliminar a referência falocêntrica, aumentando as formas de gozar acessíveis para todos (ALVARENGA, 2015).

3.2 FEMININO EM FREUD – “TORNAR-SE MULHER”

Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência

de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes.

Freud (1893-1895).

O feminino ocupou um lugar especial na obra freudiana. Foi, portanto, um impulsionador de sua produção como também seu ponto de impasse. Se a psicanálise nasceu das histéricas, a histeria inaugurou então não apenas a clínica freudiana, mas também possibilitou o surgimento de um novo olhar sobre a feminilidade. A escuta das histéricas permitiu que Freud enfatizasse os mistérios do desejo humano, que ele buscou decifrar por diferentes caminhos, mas essa investigação trouxe também um ponto de opacidade que se colocou como fronteira a este saber e como causa de sua produção (ZALCBERG, 2003).

Quantas figuras femininas cruzaram o caminho de Freud? O enigma do desejo feminino instigou Freud em todo o seu percurso, durante o qual ele dedicou seu tempo à experiência do inconsciente. Esse percurso foi atravessado entre hesitações e êxitos até as descobertas sobre a sexualidade feminina, que ele denominou de “uma impenetrável obscuridade”, usando a metáfora do “continente negro” para referir-se ao mistério da feminilidade. Portanto, a vida sexual das mulheres provocou e continuou a convocar o psicanalista ao longo de sua obra e vida (FREUD, 1905/1996).

Inicialmente, Freud (1905/1996) buscou investigar a sexualidade feminina em sua obra “três ensaios da teoria da sexualidade”, apresentando bases importantes para concepção da feminilidade. A hipótese de um mesmo aparelho genital, o monismo sexual, é a primeira das suas teorias sexuais, e tem em sua concepção a importância da particularidade e do determinismo anatômico, para a feminilidade, pois o único órgão sexual reconhecido pela criança nos dois sexos é o órgão masculino, ou seja, o pênis no menino e seu equivalente na menina o clitóris. Portanto não existe diferença real entre os dois sexos até a puberdade, não há ainda distinção entre o masculino e o feminino. Dessa maneira, ele diferencia a organização da sexualidade infantil e da adulta: a organização genital adulta é genital, enquanto a infantil é fálica. Ainda, somente um órgão sexual é conhecido: o órgão masculino; na menina, os processos que ocorrem são pouco conhecidos. Para a teoria freudiana, somente na puberdade se desenvolverá a fase genital; até lá a vagina não será descoberta. A

masculinidade é equiparada a sujeito, atividade e pênis; a feminilidade é objeto e passividade (FREUD, 1923/1996).

Diante disso, a fase fálica trata-se de uma fase genital pré-genital ou genital infantil. É genital porque seu objeto de investimento libidinal é o órgão genital masculino, o pênis. Mas pré-genital porque o pênis não se trata do pênis em si, órgão anatômico, mas o pênis enquanto insígnia, atributo do falo. Por esta razão, ele designou essa nova fase do desenvolvimento da libido de fase fálica. Apesar disso, Freud afirma que na organização genital infantil, “só um órgão genital, o masculino, é importante para os dois sexos”. O que deixa entender que, para ele, é o pênis, na sua realidade anatômica, que está em jogo na fase fálica do desenvolvimento libidinal (FREUD, 1923/1996).

Portanto, na fase fálica não existe ainda uma representação psíquica do sexo feminino e a oposição que a distingue não é a diferença entre masculino e feminino, mas a oposição fálico-castrado. O fálico não é privilégio do masculino, nem o castrado do feminino. Assim, o pênis e falo pertencem a registros diferentes, o pênis é o órgão sexual, que tem um papel decisivo na diferenciação entre o sexo masculino e o sexo feminino por ocasião da fase genital adulta, já o falo é o significante que define como homens e mulheres se posicionam na relação entre os sexos. Porém, a identidade sexual do homem e da mulher, além da diferença orgânica dos sexos, supõe um complexo processo de identificações no qual estão em jogo as instâncias do Eu ideal e ideal do Eu. É através das identificações, e no trabalho estruturante da função paterna (representante da Lei), que se constituem a subjetividade humana e a identidade sexual dos seres humanos.

Quanto à sexualidade dos meninos e meninas, Freud compreende que a verdadeira organização genital está ausente até a puberdade. E para o menino, o declínio do complexo de Édipo se realizará sob ação do complexo de castração, vivendo um conflito entre seus desejos libidinosos que dirige à mãe e o interesse narcísico que dirige para o pênis, prevalecendo normalmente o segundo caso. Na menina, o complexo de castração a levará a um sentimento de inferioridade e a querer compensar sua falta pela inveja do pênis; já no menino, o complexo de castração o faz abandonar os desejos edipianos; na menina, ao invés disto, o complexo de castração a faz voltar-se para o pai tentando assim substituir a falta do pênis pelo desejo de ter um filho do pai, como substituto do pênis e, portanto, viabilizador do Édipo feminino (FREUD, 1924/1996).

Desse modo, Freud em sua obra buscou explicar a feminilidade em paralelo com a masculinidade, pela via do complexo de Édipo. Em seu texto “Sexualidade Feminina” (1931/1996), ele discorre sobre a construção da sexualidade feminina como radicalmente

diferente da construção da sexualidade masculina. Essa diferença é apresentada com a valorização de uma fase anterior ao complexo de Édipo, que antes não tinha sido ponderada por Freud, mas que a partir de então passa a se mostrar de fundamental importância para a menina, à qual Freud chamou de fase pré-edípica. Nesta fase, entende-se que a menina, antes de ingressar no complexo de Édipo pela via do amor ao pai, teria vivido um tempo anterior, de ligação exclusiva com a mãe, e o amor que a menina viveria depois, com seu pai, não traria nada de novo; desse modo, o núcleo das neuroses histéricas encontraria-se nessa fase primitiva ao Édipo (FREUD, 1931/1996).

Ele destaca que a constituição da sexualidade masculina acontece em apenas uma fase, enquanto que para a mulher são em duas. No menino, ocorre uma identificação sexual (a masculina), tem um órgão sexual e um objeto de amor. Já a menina é de forma dobrada: duas zonas erógenas, dois objetos amorosos e também duas identificações sexuais a (masculina e a feminina). A presença da bissexualidade é mais evidente na construção da feminilidade do que na construção da masculinidade (ZAFIROPOULOS, 2009).

A menina diante do encontro com a diferença sexual anatômica teria que se haver com sua diferença sexual, da qual ela poderia vir a fazer de três maneiras: inibindo sua sexualidade; fantasiando ser um homem que ganharia um pênis que a restituísse de sua perda; e tomando o pai como objeto, considerando o que Freud entendia como a feminilidade “normal”. Porém, dependendo da saída que a menina encontrasse, o fato é que seu complexo de Édipo não seria completamente destituído, portanto é de fundamental importância do tempo pré-edípico que uma menina viva com sua mãe, e o tempo edípico posterior com seu pai, devido a algo do complexo de Édipo que jamais será superado pela mulher (ZAFIROPOULOS, 2009).

Com isso, a construção do feminino é um advir, sendo assim, difícil e complexo, tornando-se enigmático e incerto tornar-se ou não mulher. A resolução do Édipo feminino diante da castração implica em uma mudança de objeto, transferir da mãe para o pai, superar a inveja do pênis e operar a troca de sexo deslocando do clitóris para vagina. A transferência de objeto se torna difícil pois o que lança a menina ao pai não é a atração pelo masculino e sim o ódio ao feminino pois ao abandonar a mãe a menina apresenta decepção e sentimentos hostis por essa mãe, portanto para se tornar feminina ela tem que se identificar com a mãe, de quem se separou por ódio, pois essa seria a via de se tornar feminina. O Édipo feminino teria um complicador a mais para se estruturar visto que ao se separar da mãe a menina apresenta ódio e ressentimento pela mãe pois o amor era dirigido a uma mãe fálica e não a uma mãe castrada (ANDRÉ, 1998).

Assim, Freud formula no texto “A sexualidade feminina” modelos dos impasses fálico-edípico para sexualidade feminina: a frigidez e a inibição; o complexo de masculinidade; e o torna-se mulher pela maternidade e pela passividade. Dessa maneira, o Édipo efetua o homem, mas não a mulher, pois diante da dialética fálica (presença ou ausência do falo) instala uma divisão hierárquica onde o feminino não pode ser considerado como alteridade e diferença, e sim como vertente negativa do masculino. Dessa maneira, o que estabelece o feminino como diferença positiva na frente do masculino seria a função biológica da maternidade (SOLER, 2005).

Entretanto, Freud, após toda sua construção teórica acerca da feminilidade, coloca a maternidade como uma possível saída edípica para a mulher, consequência da tomada do pai como objeto. Entende-se, portanto, a maternidade como uma via de saída para a feminilidade na proporção em que seria uma maneira da mulher restabelecer seu narcisismo, abatido diante da falta fálica que a feminilidade lhe causou, diferente do que ocorre com o menino, que tampona essa falta através da identificação fálica que ele faz através do “ter” um pênis (FREUD, 1933/1996).

Ele destaca também dois pontos importantes sobre a vida psíquica das mulheres: a relação estreita que existe entre feminilidade e vida pulsional, e o caráter enigmático da feminilidade. Tanto uma como outra mostram o impasse de Freud diante da sexualidade feminina. Embora suas elaborações teóricas sobre a feminilidade se fixem em torno de desejo, castração e falo, também apontam para a existência de uma vertente pulsional que firma obstáculo para sua teoria do desejo em torno da questão edípica. Na feminilidade, algo escapa a uma clara compreensão. Portanto, ao final de seu último texto sobre o tema, Freud (1933/1996) afirmou estar diante de um estudo ainda não completo e fragmentário. O enigma do sexo feminino exprime uma forma de abordar a existência de uma lacuna no discurso sobre o feminino que escapa à dimensão significativa.

Contudo, também na histeria existe uma vertente que apresenta um inominável, indicando um ponto limite que se manifesta em alguns aspectos de sua dinâmica e aponta que existe algo na histérica, como também na sexualidade feminina, que resiste ao significante fálico. Com isso, as maneiras de lidar com esse não-representável são bastante diversas tanto na histeria como na feminilidade.

Desse modo, Freud expõe que nem a anatomia nem a convenção podem definir masculinidade ou feminilidade. Freud então sugere apontar a razão pela qual a sexualidade das mulheres insiste em um não saber: “Sabemos menos acerca da vida sexual de meninas do que de meninos. Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa distinção; afinal de contas, a

vida sexual das mulheres adultas é um continente negro”. (FREUD, 1905/1996) (FREUD, 1926/1996).

Freud, portanto, visualizou o feminino por um ângulo negativo ao teorizar sobre a construção do sujeito feminino. Mantendo-se fiel à tradição falocêntrica condizente com a sua época, suas construções teóricas sobre o sujeito feminino residiam no eixo teórico do complexo de Édipo. Quando pensa o Édipo no campo das mulheres, que ficam, então, como um ser que não se completaria nessa passagem, guardando sempre em si um mal-estar anticivilizatório em seus rancores e invejas, a mulher é vista como rebelde, ressentida, afinal, a “renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma forma de compensação” (FREUD, 1924/1996, p. 198). Assim, a mulher seria profundamente motivada pela inveja do pênis, que nunca cessaria, mas se deslocaria, por exemplo, para a forma do ciúme, o qual desempenharia um “papel muito maior” (FREUD, 1925/1996, p. 282) na vida mental das mulheres do que na dos homens devido à sua ausência de pênis. É tamanha a dificuldade de pensar esse universo que lhe é alteritário, que, nas partes finais de sua obra, Freud sugere interrogar os artistas e os poetas respostas mais verdadeiras sobre a feminilidade, para tentar superar aquilo que a ciência conseguira dizer até então.

Diante disso, expõe a dificuldade que enfrentou ao se dedicar as insígnias da sexualidade feminina em uma conversa com Marie Bonaparte “A grande questão que jamais foi respondida e que ainda não fui capaz de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é: ‘O que quer uma mulher?’ (BERTIN, 1989).

3.3 FEMININO EM LACAN – “A MULHER NÃO EXISTE”

[...] tudo pode ser imputado à mulher, já que, na dialética falocêntrica, ela representa o Outro absoluto.

J. Lacan (1973)

No campo da sexualidade humana, diferente dos animais que estabelecem uma ligação direta com o corpo do outro, para os humanos essa associação direta é impossível pois existe a linguagem que permeia essa relação, portanto, necessita do simbólico para realizar. É no

complexo de Édipo articulado com a castração que tanto o menino como a menina assumem sua identificação sexual, embora de maneira assimétrica (BESSA, 2012).

O homem é um ser de linguagem, sendo assim diferente dos animais e da natureza que não exigem sentido. É na linguagem que ele encontra as significações que servirão para mediar e moldar o mundo e a natureza que são estranhos a ele. O anteparo que existe entre o Eu e o outro é a linguagem: tudo que está presente no mundo está imerso na linguagem, pois a realidade para se expressar precisa da palavra, e, portanto, só existe a partir do momento em que se possa falar dela. O pensamento e a linguagem são de ordem distintas, e o indivíduo desde sempre foi impelido a armazenar sua fala e seu pensamento na linguagem (LONGO, 2006).

A linguagem é a condição para subjetividade e o sentido para psicanálise nunca é atingido plenamente, pois não é passível de ser nomeada. Dessa forma, transitamos na cadeia de significantes percorrendo o sentido. O sujeito na psicanálise está cativo na linguagem, portanto o sujeito do inconsciente é o sujeito que deseja. Um desejo impossível que nunca se satisfaz é que o desejo de fazer sentido, pois o sentido absoluto é a morte. O inconsciente inclina o homem pra o simbólico, como também para linguagem que tenta substituir a realidade, tentando buscar sentido, criando outra realidade. É no discurso que o sujeito se interessa porque diz algo sobre ele através dos atos falhos, lapsos e deslizes (LONGO, 2006).

Para psicanálise, que tem como objeto de estudo o inconsciente, “o significante é o que representa um sujeito para outro significante” (LACAN, 1971/2009). O sujeito é, portanto, efeito de linguagem, resultante dos significantes que se direciona ao Outro. A castração vista desse ponto são cadeias de significantes sucessivos, onde o sujeito entra no mundo já faltoso, apagado diante dos significantes. No campo do significante organizado por uma Lei, trata-se da Lei da castração, da diferença sexual, que ordena o encadeamento dos significantes. Com isso, o sujeito é efeito desse encadeamento que se constitui como uma significação, onde a essa dimensão do significante Lacan atribui a lógica fálica. O sujeito se apresenta como efeito de uma metáfora, denominada de metáfora paterna. É através da metáfora paterna e de seu mecanismo fundamental, o recalque originário, que a criança substitui o significante originário do desejo da mãe, que é recalcado, passando para o inconsciente, o que permite de fato à criança efetivar a renúncia ao objeto inaugural de desejo, tornando inconsciente.

Lacan propõe o falo como significante e localiza que ele possui uma função constitutiva, já que insere o sujeito em sua existência e em sua posição sexual. O falo como significante é indispensável para que o desejo do sujeito seja reconhecido como tal, quer seja

homem ou mulher, "O falo é o significante privilegiado dessa marca, onde parte do logos se conjuga com o advento do desejo" (LACAN, 1958/1998, p. 692). Com isso, reafirma o falo como um significante privilegiado, que une sexualidade e linguagem, deixando uma marca sobre o corpo.

Lacan reconhece a concepção freudiana do complexo de Édipo e, ainda, propõe que o mesmo ocorre em três tempos. No primeiro tempo, a criança coloca-se no lugar da falta da mãe, identificando-se especularmente com aquilo que é objeto do desejo da mãe: o falo imaginário. É nesse momento que a criança mantém uma relação quase exclusiva com o Outro, na qual "em sua impotência, constata depender inteiramente da demanda, isto é, da fala do Outro, que modifica, reestrutura, aliena profundamente a natureza do seu desejo" (p. 370). A criança ocupa um lugar no imaginário dessa mãe de um objeto que sacia completamente seu desejo, falo. Ela toma a criança como objeto fálico e estabelece com ele quase que uma relação simbiótica que Lacan nomeou do "primeiro tempo do Édipo" ocupando na mãe a fantasia de completude, nutrindo no imaginário dela a existência de um objeto que sacia e se completa com esse bebê (LACAN, 1957-58/1999).

No "segundo tempo do Édipo", no plano do imaginário, um terceiro intervém nessa relação, desempenhando assim a função paterna, alguém ou algo que exerça essa função de corte, um elemento que assuma o Nome do Pai. Com isso, a criança percebe que não dá conta do desejo da mãe sozinho, a partir daí que ele também é faltoso, incompleto. Já no "terceiro tempo do Édipo", é o tempo da castração, momento em que nasce o desejo no bebê, ele reconhece que não detém e que não é o falo, e que se esse existe é no campo da linguagem. Tratando-se de uma operação simbólica entre o pai real e o objeto do falo imaginário, desse tempo surge a identificação sexual e a saída do Édipo. A identificação se dá pelo ideal de eu, que exerce uma função normativa, onde o sujeito assume a posição feminina ou masculina. Do lado do pai, o menino reconhece um traço que irá garantir uma "virilidade", na qual ele irá abordar outras mulheres, pois da mesma forma que o pai ele também passou pela castração (LACAN, 1957-58/1999).

Já na menina, não existe do lado da mãe um traço que possibilite a identificação, um traço específico da feminilidade. Assim, a saída do Édipo para a menina se dá pela via do significante fálico, sendo desse modo atraída pelo falo, podendo ter consequências para ela, pois poderão encurtar o percurso se identificando ao pai, possuidor do falo, resultando na posição estrutural da histórica, daí a posição reivindicatória, dessa forma, passa a demandar continuamente o reconhecimento simbólico dirigido ao pai; ou pode aparecer também na forma de atitude sacrificial a esse pai como uma expectativa de reparação (por não possuir

traço da feminilidade as mulheres exercem entre si um fascínio pelo fato que cada uma busca o traço em sua semelhante). Daí o corpo de outra mulher serve de identificação imaginária, na falta de um reconhecimento simbólico (TEXEIRA,1991).

Outra identificação possível é ser o falo, colocar-se como desejável para o homem, o que provoca uma despersonalização, pois para provocar o desejo masculino ela se coloca a serviço desse desejo, e para ter um significante viril ela se dispõe a identificar-se ao próprio corpo, aparecendo nesse contexto como a mascarada que se contrapõe à verdadeira feminilidade. Porém, não existe mulher alicerçada em “verdade”. Desse modo, a maneira da mulher fazer-se desejável ao homem é ser o falo para ele. Então o homem só a deseja enquanto falo que complete sua falta, como forma de denegar sua castração. Visto a questão da feminilidade e da histeria (pela qual o homem a impulsiona), assim é indagado se o homem deseja uma mulher não-histórica, que não se coloca como falo para ele (TEXEIRA,1991).

Lacan apresenta uma cisão entre o que seria o sujeito do inconsciente, estruturado como uma linguagem, e o registro do gozo, e desenvolve sobre a dissimetria entre os sexos, que parte da ordem do UM, o sujeito do inconsciente, o significante, e pela ordem do Outro, que se manifesta como ausência. O gozo é um produto da linguagem, é algo inútil que pode trazer prazer para o sujeito, se referido como um excesso insuportável de prazer, ou manifestações no corpo que traz sofrimento. O gozo que o macho e a fêmea experimentam é o gozo sexual, e é o significante falo que vai que vai organizar esse gozo. O falo, desse modo, causa e delimita o gozo. A partir disso cada um irá lidar de certo modo com o falo afirma: “Eis que podemos conceber que o prazer seja violado em sua regra e seu princípio, porque ele cede ao desprazer, que não quer dizer outra coisa senão o gozo” (LACAN, 1969-70/1995, p.81).

No debate em torno da questão da feminilidade na psicanálise, a contribuição de Lacan avança quando conjectura o desenvolvimento das fórmulas de sexuação para pensar como se estabelece a "não relação sexual", ou seja, a relação entre o sujeito do inconsciente e o gozo do Outro, ou a relação entre o simbólico (masculino), e o Outro que não se pode nomear (feminino). Muitas questões são levantadas em torno desse tema, enfatizando a importância de Lacan, que propõe uma elaboração sobre o outro gozo - que tem como origem a necessidade de conceber o registro do real e, como consequência, o desenvolvimento da tese sobre o feminino (LACAN, 1972-73/2006).

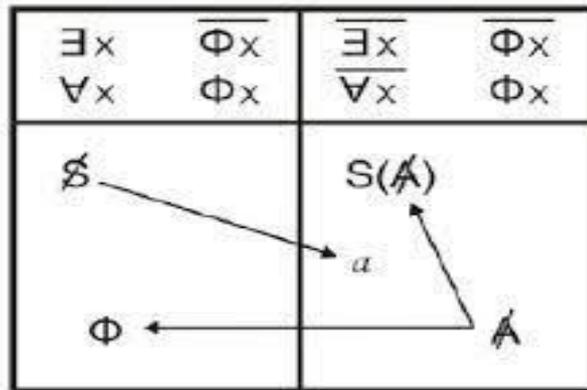


Figura: Recuperado de Lacan (1972-1973/1985, p. 105)

Em relação à fórmula da sexuação, Lacan propõe dois conjuntos distintos: o masculino e o feminino. Porém, não significa distinção anatômica, mas sim de posições, ou seja, o sujeito pode ter nascido biologicamente masculino e ocupar simbolicamente o lado feminino, ou vice e versa. No lado masculino, estão os sujeitos submetidos à função fálica, sujeitos à castração, e para que exista a regra, existe pelo menos um elemento não submetido à regra, um que escapa a lei. Trata-se, portanto, do pai ancestral que Freud (1913/1996) descreve no Mito do pai da Horda em Totem e Tabu. Daí podemos dizer que a classe dos homens é um conjunto fechado, onde as fronteiras são delimitadas pelo falo, assim o homem é todo fálico. Lacan rompe qualquer regularização ideal entre os sexos, ou seja, dois fazendo Um, desse modo, por não haver relação, é preciso inventar a cada vez, o amor seria uma maneira de fazer essa invenção (NERI, 2005).

Pode-se questionar: “Onde ficam as mulheres?”. Na posição feminina, não há um elemento que escape à função fálica; já que a exceção para Lacan é que funda a regra, a totalidade, esse conjunto não se funda com fronteiras, não está delimitado a uma totalidade. Surge então o termo não-todo, pois cada elemento desse conjunto se relaciona com a função fálica não-todo, uma vez que não existe nenhum elemento que escape a ela. Portanto, é importante afirmar que o falo continua a ser o único significante sexual, passando a existir duas possibilidades de inscrição na função fálica: todo-fálico ou não-todo fálico. Apesar de Lacan afirmar que não é a anatomia que determina a forma pela qual homens e mulheres se posicionam do lado masculino e feminino, mas a maneira como se submetem ao falo, significante do desejo (ARÁN, 2011).

Do lado masculino, o gozo é o gozo fálico, organizado pela lógica de uma regra e sua exceção. O gozo fálico está articulado a uma experiência de satisfação e ao fato de o sujeito pertencer e se identificar ao grupo dos homens. Isso acontece pois inconscientemente há um registro de que “ao menos um” não está submetido à castração. Essa exceção mítica é o que

organiza o gozo do lado masculino, como uma fantasia. Por esta razão, o masculino é ancorado como significante, pois existe um, o pai da horda primitiva, que estabeleceu aos homens um todo. Lacan afirma que “...o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é o gozo do órgão” (LACAN, 1972-73/2006, p.15).

Do lado da mulher, não existe a lógica do universal, ela é não-toda, seu gozo é não-todo fálico, se estende para além do corpo. Esse gozo, portanto, é suplementar, baseado no impossível e não faz unidade. A mulher tem acesso ao gozo fálico, mas não-toda, portanto, goza deste que é próprio do feminino. Enquanto os homens lidam com a excepcionalidade e procuram se identificar, a mulher se constitui a partir da diferença para com todas as mulheres, diferença esta que não cabe num conjunto, em um grupo, daí a expressão de que “a mulher não existe”, justamente porque não há esse conjunto. Se o homem busca a identificação, a posição feminina se encontra com um processo oposto à identificação, assim a menina não desfrutaria somente da referência à castração para tornar-se mulher (NERI, 2005).

Lacan postula em sua teoria a inexistência de um significante para a mulher, ou seja, retoma o princípio freudiano da primazia do falo como o representante da diferença entre os sexos no inconsciente. Em relação ao Édipo, ele afirma que as mulheres são não-todas inscritas na função fálica, determinando um além do Édipo e um além da castração. Concomitantemente em que estão submetidas ao Édipo e à castração, elas escapam deles. Abordando, assim, a questão da sexualidade feminina a partir da diferenciação entre o gozo fálico e o gozo suplementar. Desse modo, no feminino, para Lacan, há sempre algo que escapa, algo que vela e desvela o ser de uma mulher, como retrata Sandro Botticelli (1486) na obra “O Nascimento de Vênus”, o ser que representa uma mulher, é coberta, por parte, mas não toda (NAVES, 2012).

A partir de Lacan, a psicanálise expande para fora da lógica fálica, ou seja, leva em conta a lógica do não-todo (fálico), referindo-se ao falo simbólico. De modo que as posições de todo-fálico e não-todo dizem das posições de homens e mulheres em que não há rigidez quanto a posição ocupada, isso, pois, existem homens nas posições de não-todo e mulheres na posição de todo. Assim a sexuação está aberta a uma escolha subjetiva (NAVES, 2012).

Lacan, porém, diferente de Freud, visualizou esse enigma feminino por outro ângulo de uma forma favorável, propondo examiná-lo como um enigma do gozo, que não desfrutaria somente da referência à castração para tornar-se mulher. Com isso, a mulher apresenta uma modalidade de gozo a mais, que é assexuado, que não se inscreve no inconsciente e que vai

além da lógica fálica e da castração: ela goza de um gozo diferente, suplementar ao falo. “A mulher não existe”, portanto, é marcada pelo indefinido, precisa ser descoberta, existindo assim, de forma experiencial, sendo, portanto, contadas uma a uma, não permitindo generalização. Assim, por não existir um significante universal que possa representá-la, é que deve se tornar Outra, ou Outras a partir dela mesma, como simboliza a obra “Demoiselles d’Avignon”, de Pablo Picasso (1907), onde cada mulher é única, a seu modo e só pode ser dita uma a uma, na sua singularidade (ARAN, 2011).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Uma mulher tem que ter qualquer coisa
além de beleza
Qualquer coisa de triste
Qualquer coisa que chora
Qualquer coisa que sente saudade
Um molejo de amor machucado
Uma beleza que vem da tristeza de se saber
mulher
Feita apenas para amar
Para sofrer pelo seu amor e pra ser só perdão”
Vinicius de Moraes*

A pergunta “o que quer ‘uma’ mulher?” aponta para o desejo feminino, para além do falo, e é aí onde está o enigma. Desse modo, podemos concluir que as teorizações sobre a mulher e o feminino na história da psicanálise foram permeadas pela discussão das controvérsias a respeito da primazia fálica na estruturação sexual feminina, assim como as ideias de feminilidade, histeria e mulher decorrem de diferentes campos disciplinares, possuindo conceitos distintos. Porém, às vezes, essas concepções se cruzam, se distanciam por vezes se interpenetram, carregando assim um paralelismo. Portanto, dentro de cada uma delas, tendências teóricas diversas dão um tom de reflexão e de problematização. As concepções foram, portanto, criadas, construídas, reavaliadas, ora apontando para o novo, ora voltando à noção primitiva da qual se substantiva. Desse modo, o feminino e suas manifestações constroem e reconstroem na psicanálise, ao longo da teoria.

Nesse sentido, a psicanálise, principalmente com as contribuições de Lacan, elabora uma nova teoria do feminino, que transmitirá toda a sua apreensão teórica e prática sobre o humano, capaz de atender novas configurações do mal-estar e do sofrimento psíquico na cultura. Esse novo pensamento busca repensar o modelo da diferença sexual, e abrir caminhos para entender as novas formas de subjetivação que ocorrem no deslizamento entre o feminino e o singular, integrando parte do debate acerca dos estudos de gênero no contemporâneo.

E o enigma? O que podemos dizer sobre ele frente a tantas mudanças teóricas sobre o feminino? Mas esse tema não permite um encerramento e sim uma abertura, valendo, assim, o conselho de Freud (1933/1996, p. 180): “Se desejarem saber mais sobre a feminilidade”, [...] “dirijam-se aos poetas” [...]. Os poetas, sim, sabem contemplar os enigmas, eles de fato auxiliam no que diz respeito ao que, da mulher, escapa à ciência. O que nem ela, tampouco o saber dos poetas desvenda é a construção do feminino, diferente do masculino que se sustenta apenas pela identificação fálica (Freud) e pelo gozo fálico (Lacan), ocorrendo de modo singular, por meio daquilo que lhe escapa, na possibilidade de ser única para si mesma.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, E. As mulheres e a violência de nossos tempos. **Opção Lacaniana Online**. nova, ano 6, n. 17. julho, 2015. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_17/As_mulheres_e_a_violencia_de_nosso_tempo.pdf acesso em fev. 2019.
- ANDRÉ, S. **O Que Quer Uma Mulher?** Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- ARÁN, M. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Rev. Epos** vol.2 no.2 Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2011000200002 acesso em Mar. 2019.
- BERTIN, C. **A última Bonaparte** [1989] (R. Menguello, trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra
- BESSA, G. L. P. **Feminino: um conjunto aberto ao infinito**. Belo Horizonte. Sciptum Livros, 2012.
- BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2001.
- FREUD, S. Interpretação dos sonhos [1900]. *In: Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. VII, 1996.
- FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade [1923]. *In: Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 1996.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo [1924]. *In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 1996.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. *In: Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIX, 1996

FREUD, S. Sexualidade feminina [1931]. *In: Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, 1996.

FREUD, S. A feminilidade [1933]. *In: Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Três ensaios para uma teoria da sexualidade [1905]. *In: Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. V, 1996.

FREUD, S. Totem e Tabu (1913). *In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUENTES, M. J. S. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16122009-090444/pt-br.php> acesso em fev. 2019.

GRAVES, R. **A Deusa Branca**: uma gramática do mito poético. Tradução Bento de Lima. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GREGORI, J. Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia-MG, v. 30, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:74SF2FxTgP4J:www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/38949/pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d> acesso em: fev. 2019.

LACAN, J. A significação do falo (1958). *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 5**: As formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. **O Seminário 18**: de um discurso que não fosse semblante (1971). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

LACAN, J. **O seminário, livro 20**: Mais, ainda. (1972-73). Versão brasileira M.D. Magno. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LONGO, L. **Linguagem e psicanálise**. Coleção passo a passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2006.

LIMA, R. L. O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres. *Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Agosto, 2010. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GBMUPu83klgJ:www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277853385_ARQUIVO_comunicoraltrabcompletoGenero.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d acesso em: fev. 2019.

MANNONI, M. **Elas não sabem o que dizem**: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

NAVES, E. T. A feminilidade: de um outro a um Outro. **Tempo psicanalítico**. vol.44 no.2 Rio de Janeiro dez. 2012 disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200009 acesso em: março 2019.

NERI, R. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

TEDECHI, L. A história das mulheres e a representação do feminino na história. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(3): 921-935, set-dez-2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000300021/12154>, acesso em: fev.2019.

TEXEIRA, M. R. A Feminilidade na Psicanálise. *In: A Feminilidade na Psicanálise e outros ensaios*. Salvador: Ágalma, 1991.

ZAFIROPOULOS, M. A teoria freudiana da feminilidade: de Freud e Lacan. **Reverso** vol.31 no.58 Belo Horizonte set. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000200002 acesso em fev. 2019.

ZALCBERG, M. **A relação Mãe e Filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.